



CRÉDITOS: IAN LOPES

# Museu do Café inaugura exposição temporária sobre cotidiano das catadeiras

Com o propósito de reconhecer a importância do ofício das catadeiras, função exercida somente por mulheres, uma das práticas mais importantes no elo da cadeia exportadora do café, o Museu do Café inaugurou a nova exposição temporária, intitulada “Pianistas de armazém: trabalho feminino na catação de café”.

Mãos e dedos ágeis num intermitente movimento acompanhando uma melodia muda, carregada pela determinação de sobrevivência. Trabalho de mulheres jovens e adultas,

realizado com tanta destreza e tanto foco que lhes renderia o apelido de “pianistas”, impulsionadas pelo ganho por produtividade, e zelosas sob atenta fiscalização.

A catação manual de café é uma atividade de rebeneficiamento que, ao eliminar grãos defeituosos de um lote, torna-o mais lucrativo para o fornecedor. Apesar de a prática ter permanecido durante a maior parte da história do café, e ter sido importante elo da cadeia exportadora do produto, as principais personagens que a desempenhavam – as catadeiras – foram invisibilizadas.

Com a exposição “Pianistas de armazém: trabalho feminino na catação de café”, O Museu do Café tem o prazer de trazer a público, por meio de memórias e recursos audiovisuais, um pouco do cotidiano dessas mulheres e sobre esse ofício que, pouco a pouco, tem desaparecido.

## História da catação de café no Brasil

Existem referências a esse trabalho desde o início do século XIX, às vezes nomeado de “escolha”, geralmente delegado a mulheres escravizadas, e realizado em grandes fazendas ou

“usinas” de café. Apesar de já existirem, nesse momento, maquinários que realizavam essa tarefa, a catação manual ainda era imprescindível para um café mais limpo e de maior valor de mercado.

Com a adoção pelo Brasil do padrão norte-americano de identificação de defeitos para estabelecimento do preço da saca, em 1907, e com a concentração da manipulação dos grãos nos centros comerciais, os armazéns de catação de café se multiplicaram nas grandes capitais como São Paulo e Rio de Janeiro, assim como no porto de Santos.

A catação manual entrou em declínio no Brasil na década de 1970, com o aprimoramento e a consolidação das catadeiras eletrônicas fotossensíveis, que distinguem grãos verdes, pretos e outros defeitos com uma produtividade superior ao trabalho manual, e a menor custo.

## Trabalho feminino

A grande movimentação de mercadorias e pessoas, entrando e saindo dos navios diariamente, demandava ampla força de trabalho. Nesse contexto, mulheres desempenhavam diversas atividades remuneradas ligadas direta ou indiretamente ao porto: eram costureiras de sacarias, catadeiras, lavadeiras e outras.

Para ampliar a fonte de subsistência, ou por serem chefes de família, enfrentavam o estigma social ligado ao trabalho feminino, que persistiu durante o século XX, e suportavam uma extensa jornada, considerando que eram responsáveis também pelos afazeres domésticos.

A catação de café se enquadrava nas chamadas “funções femininas”: trabalhos repetitivos que exigissem pouca es-

pecialização e menor esforço físico – o que é questionável, considerando a rotina dessas trabalhadoras –, com baixa remuneração. As características de agilidade, atenção e paciência eram historicamente atribuídas às mulheres, desconsiderando que as habilidades desenvolvidas em sua educação e no ambiente doméstico as tornavam mão de obra especializada.

## Memória da catação

Os pesquisadores do Museu do Café realizaram, entre 2011 e 2013, uma série de entrevistas para compreender o comércio do café na cidade de Santos. Entre os depoimentos, estão as narrativas de catadeiras e outros profissionais que trouxeram essa atividade em suas lembranças.

Nessas memórias, o cotidiano e as particularidades da catação de café ficam mais visíveis. Era um trabalho considerado penoso e mal remunerado, mesmo dentro das atividades exclusivamente femininas. Ainda assim, seu caráter sazonal e geralmente informal atendia o perfil de mulheres das camadas mais pobres, moradoras da região central ou dos morros, que estavam desempregadas ou que não conseguiam acesso a outros trabalhos.

Outra característica era a possibilidade da presença de crianças no armazém, considerando que muitas operárias eram mães e não tinham onde deixar os filhos. De fato, as memórias frequentemente começam na infância, seja brincando no armazém, ou ajudando suas mães na função. A conciliação da maternidade com o trabalho, a escolha de armazéns com maior remuneração, melhores padrões, ou de cafés mais limpos, são algumas das estratégias de sobrevivência registradas. ☺



Fotografia de Theodor Presing, 1928. Acervo Museu do Café



Escultura de Gigi Marifrano



Alessandra Almeida, Marcela Rezek, Carlos Brando, Eduardo Carvalhaes e Guilherme Braga

